



VALORES EM GEOGRAFIA E O DINAMISMO DO MUNDO VIVIDO NA OBRA DE ANNE BUTTIMER

■ JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE MELLO – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA / UERJ

RESUMO

O ARTIGO, PAUTADO NA TRAJETÓRIA DE ANNE BUTTIMER, UM DOS EXPOENTES DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA, BUSCA DESVELAR OS VALORES E O ENTENDIMENTO DE GEOGRAFIA ÍNTIMAS E COLETIVAS NO MUNDO COTIDIANO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E COM BASE NAS FILOSOFIAS DO SIGNIFICADO COMO A FENOMENOLOGIA E A HERMENÊUTICA. NESTE CONTEXTO, O LUGAR SURGE COMO CONCEITO-CHAVE NA PERSPECTIVA HUMANÍSTICA ADVINDO DA NOÇÃO FENOMENOLÓGICA DO MUNDO VIVIDO EMOCIONALMENTE MODELADO, INTROJETADO E REVESTIDO DE EVENTOS, PESSOAS, ITINERÁRIOS, LUTAS, AMBIGÜIDADES, ENVOLVIMENTOS, SONHOS, DESATINOS, “CANÇÕES QUE MINHA MÃE ME ENSINOU”, BASE TERRITORIAL E TODA SORTE DE ELEMENTOS QUE PERMITE À PESSOA SE SENTIR EM CASA OU, POR OUTRO LADO, DISTANCIADA EM MEIO A UM ESTRANHAMENTO TOPOFÓBICO.

PALAVRAS-CHAVE: VALORES, FENOMENOLOGIA, MUNDO VIVIDO, LUGAR, GEOGRAFIA HUMANÍSTICA

Anne Buttimer, atual Presidente da UGI, doutorou-se em Geografia em 1965 na Universidade de Washington (Seattle) e tornou-se um dos expoentes do chamado aporte humanístico. Sua trajetória tem sido marcada por ensino e pesquisa em centros acadêmicos nos Estados Unidos, Canadá, França, Suécia, Escócia e Dublin, na Irlanda, onde trabalha desde 1991. A obra de Buttimer, vale frisar, freqüentemente busca desvelar os valores e o entendimento de geografias íntimas e coletivas no mundo cotidiano. Tais preocupações são apontadas de maneira contundente no texto “Social space and interdisciplinary perspective”, quando sublinha categoricamente os dramáticos e excitantes desafios confrontados pelos geógrafos em meio às mudanças revolucionárias nos padrões sociais empíricos significando obsolescências para muitos procedimentos analíticos tradicionais. Nesses termos, indaga a autora: “Pode a ciência continuar a servir a uma função útil medindo e explicando

a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas?”(Buttimer, 1969:419).

A geógrafa também dedicou atenção especial ao legado de Paul Vidal de La Blache em *Society and milieu in the french geographical tradition* (1971) e, na publicação *Values in Geography* (1974), assinando ainda como sister Annette Buttimer, sinalizou para a questão do estoque de conhecimento geográfico das pessoas não confinado à educação formal ou a partir de contextos institucionais, derivando, igualmente, dos ecos da arte, assim como da poesia, afora outros canais de expressão. Neste texto, procurando oferecer os elementos expressivos da tradição filosófica fenomenológica, Buttimer destaca as questões do conhecimento e do significado a partir da intencionalidade, isto é, a busca da inseparabilidade do ser, pensamento, símbolos e ações com vistas à interpretação dos valores negligenciados no âmbito do

saber geográfico. Tais valores, reconhece a autora, poderiam ser forjados ou mesmo adaptados por elementos de diferentes esferas como crenças pessoais, virtudes, turbilhão tecnológico e ideologias. Em suas reflexões no encalço de uma alternativa à ciência objetiva, a autora afirma entender que a vertente humanística seria uma opção à ciência objetiva dotada de uma tarefa revolucionária, pois explora o mundo vivido e cotidiano de toda gente. Para tanto, recorreria à perspectiva fenomenológica como um preâmbulo, "mais que uma fórmula operacional para métodos de pesquisa" (Buttimer, 1985a:190). Nesta seara, Buttimer resiste ao posicionamento excessivamente contrário à ciência objetiva. E, nestes termos, sentencia que é tempo de descobrirmos que a investigação humanística e a científica "não são inevitavelmente opostas; necessitamos encontrar seus papéis apropriados na exploração da experiência humana" (Buttimer, 1985a:190). Ao abandonar o hábito religioso, com seu denso artigo "Grasping the dynamism of lifeworld", une-se a Yi-Fu Tuan em "Humanistic Geography" e Nicholas Entrikin em "Contemporary humanism in Geography" no número 66 do periódico *Annals Association of American Geographers*, editado em 1976. Buttimer acentua a noção de dwelling, desenvolvida pelo filósofo Heidegger, referência ao viver harmoniosamente no lugar ou sentir-se em casa, tanto social, ecológica como espiritualmente, idéia esta explorada por Schutz para a questão do lifeworld ou mundo vivido. A pesquisadora focaliza os fundamentos distintos entre os fenomenologistas, seja com a fenomenologia pura de Husserl, a existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz ou hermenêutica de Ricoeur. Seja como for, a fenomenologia contempla, como traço comum, a inseparabilidade sujeito-objeto e examina de maneira radical os fenômenos da consciência

ou da experiência vivida, busca os fatos como são produzidos, interpretando a apreensão da essência e desta maneira investiga os atos e o entendimento sobre o mundo vivido.

Neste contexto, o lugar surge como conceito-chave na Geografia Humanística advindo da noção fenomenológica do mundo vivido emocionalmente modelado, introjetado e revestido de eventos, pessoas, itinerários, lutas, ambigüidades, envolvimento, sonhos, desatinos, "canções que minha mãe me ensinou", base territorial e toda sorte de elementos que permite à pessoa se sentir em casa ou, por outro lado, distanciada em meio a um estranhamento topofóbico (Schutz, 1979; Buttimer, 1976, 1985^a, 1985b; Tuan, 1980).

Comungando com os pensadores da ala humanística, Buttimer tornou-se um dos expoentes desse movimento criticado pela ênfase tida como exagerada e de difícil revelação no tocante às experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais. Como se sabe, o estudo da dimensão simbólica pessoal e/ou coletiva, com seus dilemas, paradoxos, afeições e dramas constitui uma tarefa extremamente árdua para ser desenvolvida. Entretanto, ao resistir à orientação crítica a esse respeito, Buttimer em seu ensaio "Grasping the dynamism of lifeworld" (1976), traduzido para o português em 1985 como "Aprendendo o dinamismo do mundo vivido", assim se manifestou: "Muitos estudiosos ocidentais argumentaram que uma investigação tão ambiciosa pertence somente ao poeta, ao filósofo ou ao místico. Os cientistas sociais, por definição, poderiam restringir-se a tarefas parciais, mais explicitamente limitadas" (Buttimer, 1985a:166). Assim, transgressora por excelência, a corrente humanística, adotando postura incomum no âmbito do saber, seria taxada de

anticientífica porque a sistematização do pensamento humano opõe considerar outras verdades como as demonstradas pelas leis científicas e na medida em que os universos dos seres humanos não poderiam ser examinados segundo as consagradas fórmulas e rigores matemáticos e anti-reducionistas.

Buttimer (1985a:167), ancorando-se em um posicionamento existencialista, defendeu igualmente a idéia da libertação da experiência vivida, apelando por descrições mais explícitas e contemplativas do espaço e do tempo, bem como de seus significados na vida humana diária. Nestas circunstâncias, pontuou: "para o entusiasta do rigor científico, a experiência vivida" pode surgir como um fantasma no horizonte, ainda resistente à conquista; "não obstante, uma presença que ameaça complicar, se não desviar o curso grafado da ciência objetiva". Para alguns geógrafos, entretanto, os preceitos imperiosos "da fenomenologia e do existencialismo oferecem uma promessa" (1985a:167) para um direcionamento mais humanístico no bojo da disciplina.

Em meio a esta galeria de embates e alinhamentos, a geógrafa destacou relevantes pilares da fenomenologia: "corpo-sujeito" e a "intersubjetividade", e uma noção da Geografia Contemporânea, a idéia dos "ritmos do tempo-espaço" que, de acordo com suas palavras, seriam as bases potenciais para um diálogo entre os dois campos. A tese do corpo-sujeito diz respeito "às relações diretas entre o corpo humano e seu mundo, enquanto a intersubjetividade esforça-se para construir um diálogo entre o ser humano e o meio ambiente (...) em termos de herança sócio-cultural, e o papel assumido no mundo vivido de cada dia" (Buttimer, 1985a:168). Nesse turbilhão, os ritmos espaço-temporais poderiam contribuir para uma maior compreensão da dinâmica da experiência do

mundo vivido, ou seja, de uma Geografia plena de pausas, pontos, passos e movimentos.

Os fenomenologistas, explicou Buttimer (1985a), avaliaram que os procedimentos científicos originam-se de uma "atitude naturalística" que observa, classifica e "explica" os fenômenos postulados a priori. Tal pensamento pressupõe a existência de um mundo exterior esperando ser examinado. Mundo, para o fenomenologista, é o contexto dentro do qual a consciência é revelada. Não é um mero mundo de fatos e negócios, mas de valores, bens e ações. Está pautado em tempos pretéritos e direcionado para o futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singular. Uma vez consciente do mundo vivido na experiência pessoal, um indivíduo deveria apreender os horizontes compartilhados do mundo de outras pessoas e da sociedade como um todo. Falando de modo geral, *lebenswelt* poderia ser definido como um "horizonte abrangente de nossa vida tanto individual quanto coletiva" (Buttimer, 1985a:172).

O vocábulo *world* "contém e conjuga o homem e seu ambiente" (Tuan, 1983:40), remetendo ao radical etimológico *wer* que significa homem que não apenas vivencia, mas cria, organiza e ordena seu mundo. Perseguindo e mesmo elucidando tal trilha, do ponto de vista da Geografia Humanística, o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. Nestes termos, o espaço ultrapassa sua condição, ao ser alçado ao patamar de lugar ou lar. Trata-se de um universo vivido no qual as coisas e as pessoas são valorizadas. Descrever o espaço "meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana" (Buttimer, 1985a:174), até porque desta maneira não seria possível captar a beleza, a fragrância e o ritmo dos lugares.

A Geografia Humanística, inspirando-se na fenomenologia, transpõe o dualismo cartesiano e propõe um modo de conhecer a intersubjetividade ou o intermundo, no qual há um esforço de incorporação de diálogo entre indivíduos e a "subjetividade" de seu mundo (Buttimer, 1985a). Cada pessoa, como se sabe, está rodeada por "camadas" concêntricas do lugar vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação. Além disso, pode haver "lugares privilegiados", qualitativamente diferentes de todos os outros, tais como o lugar de nascimento ou do primeiro amor e, ainda, certos redutos da primeira cidade visitada e mesmo lugares tornados vívidos por meio da comunicação literária ou visual. Nestas condições, uma pessoa pode estar presente em vários lares ou lugares por escapismo, busca dos atos mais diversos, afora aventura e metamorfoses ou mesmo em lugar algum (Tuan, 1983; Buttimer, 1985^a; Eliade, 1991; Tuan, 1998).

Quão apropriadas são tais especificações para a compreensão das experiências sociais? Os fenomenologistas poderiam ver a sociedade como uma assembléia de sujeitos e tentar examinar tal interação em termos de intersubjetividade. Nestas condições, "as pessoas nascem dentro de um mundo intersubjetivo, isto é, aprendemos a linguagem e os estilos de comportamento social que nos habilitam" no mundo diário (Buttimer, 1985a:181). A intersubjetividade remonta à situação herdada que circunda a vida cotidiana podendo ser igualmente compreendida como um processo no qual os indivíduos continuam a criar seus mundos.

No bojo deste contexto, a Geografia Humanística, a partir dos preceitos fenomenológicos, critica o obstáculo entre o mundo da ciência e o mundo vivido pleno de geografias existenciais e coletivas ou intermúndio. Neste particular, esta tendência

examina e mesmo privilegia as experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais contemplando a maneira de agir, bem como sentimentos, projeções, angústias, entendimentos e delírios das pessoas em relação a seus lugares. Tal inquietação não constitui algo novo no âmbito da seara geográfica.

A ausência da "dimensão simbólica" fora registrada por William Whewell (1847), possivelmente o primeiro geógrafo fenomenologista (Dartigues, 1971) e, de alguma maneira, pode ser encontrada nos escritos de La Blache ou Carl Sauer (Yamano, 1989) ou, ainda, nas elucubrações de John R. Wright que, em seu discurso presidencial perante a Associação dos Geógrafos Americanos, verbalizava a propósito da mais fascinante terrae incognitae, entre todas, interiorizada na alma e no coração dos homens. Wright pronunciou-se claramente pela conversão, por parte da investigação geográfica, de terras incógnitas em terras cógicas simbólicas (Wright, 1947). Buttimer (citando apenas seu exemplo) insiste décadas depois nesse atalho em direção a uma Geografia "relevante", plena de movimento, luz e escuridão, som, silêncio e avaliação que procura investigar o mundo cotidiano de toda gente. Como demonstrativo, transcreveu, recorrendo a Robert Coles, o sensível relato de uma migrante apalachiana, crispado pelas sensações de perda ou nostalgia de quem viveu no campo. Seu desabafo a propósito dos ambientes de outrora e da atualidade apresenta a seguinte composição:

Gosto de lembrar os dias em que vivemos no vale e nem Jack nem eu importávamos-nos em saber as horas. (...) Havia o sol, naturalmente: a hora do sol era suficiente para nós. Aqui nunca vemos o sol. Pergunto a mim mesma: o que aconteceu com o sol e a lua? Posso caminhar durante semanas e jamais ver qualquer sinal de lua, e as estrelas estão

sempre atrás de alguma nuvem. E o sol não brilha dentro de nossas janelas: parece que estamos no ângulo errado. Minha garotinha ouve-me queixar, porém realmente não sabe do que estou falando. Tinha dois anos quando saímos de casa e ela não se lembra daquelas noites com estrelas tão baixas que você podia estender uma xícara e enchê-la com elas, diria minha mãe, e a lua empoleirava-se sobre uma árvore, sorrindo para você. E pela manhã, você repentinamente ouvia os pássaros começarem a cantar e sabia que estavam gritando o seu alô ao sol, que estava tentando chegar do seu território – da China, não é? Isso era o que nosso professor dizia, que à noite o sol estava na China. (...) Se tivesse de dizer uma coisa do que mais sinto falta, seria o nascer do sol. E a segunda, seria o pôr-do-sol. Eu vejo porque todo mundo aqui tem de ter um relógio por perto. De outra maneira, eles jamais saberiam se está claro ou escuro nas ruas (Buttimer, 1985a:187).

Diante dessa narrativa, conclui: “a pesquisa convencional” interessada “em custos e lucros”, bem como “nas forças que impelem e arrastam” as multidões para os mais diversos recantos, certamente busca uma teoria para “explicar” a assimilação ao novo meio ambiente e, como se sabe, se esquivava de considerar a plenitude das impressões acima. Para os geógrafos da ala humanística, porém, este rico material deve ser contemplativamente analisado. Buttimer amplia o leque de abordagens individuais em outras obras como *The Practice of Geography* (1983), na qual interpreta trajetórias diversas, pautando-se nas experiências de alguns geógrafos eméritos. Abrindo clareira neste nicho, na parte introdutória deste livro acentuou: “em cada vida pessoal ecoa o drama de seu tempo e de seu meio; em todos, em graus variados,

há propensão à submissão ou à rebelião. Através de nossas próprias biografias, alcançamos a compreensão, a existência, o vir a ser” (1983:3).

Assim, justificou em mais uma oportunidade estar perfilada ao horizonte humanístico, selecionando elementos conceituais e empíricos, elucidando diferentes facetas ao percorrer, com desenvoltura, neste e em outros livros ou artigos, espaços e lugares do passado e do presente vividos por povos ágrafos ou letrados, aventurando-se até nos confins dos escombros das províncias caóticas ou infernais ou mesmo por entre as delícias e as riquezas dos eldorados naturais ou artificiais. Desse modo, uma plêiade de lugares foi considerada em suas pesquisas trazendo, em seu rastro, sobretudo o sentimento e o entendimento a propósito de geografias particulares e coletivas.

Dotado de uma expressão existencial e coletiva, o lugar – somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas (Buttimer, 1985a) – tornou-se o conceito-chave com vistas a desvelar tais geografias. Para seu entendimento, algumas manifestações culturais são ricas em relatos pessoais e depoimentos de escritores ou compositores oriundos das mais diversas procedências que falam de suas experiências diretas com seu grupo social e lugar, ou que comungam e se solidarizam com outras camadas sociais e lugares. Especificamente com respeito à música popular, a geógrafa ressaltou a força e os significados registrados nos discursos melódicos que emergem do íntimo, da alma dos letristas a partir de suas vivências, concepções e solidariedade, longe da dicotomia sujeito-objeto. Neste sentido, lembra que muitas poesias e canções modernas são carregadas de emoção sobre o sentido de lugar (1985b).

Como se sabe, as palavras ou versos podem permitir múltiplas interpretações. Os geógrafos pre-

cisam estar atentos ao lidar com literatura ou poesia. A linguagem é muitas vezes ambígua, entrecortada de valores, símbolos, alegorias e metáforas. Os geógrafos da corrente humanística não lidam com aspectos precisos ou concretos. Por muito tempo, a ciência espacial excluiu de suas abordagens os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento, a agradabilidade, a topofobia, a fixação nos espaços e lugares, as experiências cotidianas e os elos que unem as pessoas ao meio ambiente.

A fenomenologia empenhada em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida humana no mundo vivido (Buttimer, 1979) serve como via para a compreensão de tais geografias. Todavia, vale frisar, as fronteiras entre as filosofias do significado (fenomenologia, existencialismo e hermenêutica) não são muito rígidas. Por isso mesmo, Rose (1981) sublinha que vários geógrafos, entre eles Buttimer, muito embora se identifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento hermenêutico de maneira inconfundível. De todo modo, como nas palavras de Soares (1988:105) sendo a hermenêutica múltipla e plural é possível ou mesmo "lícito admitir a presença de teorias hermenêuticas em obras não dedicadas expressamente ao tema".

Na Geografia, a hermenêutica foi explicitamente explorada por Rose e utilizada por Buttimer (1983), afora ser focalizada em obras que repassam a evolução do pensamento geográfico. Etimologicamente, hermenêutica significa afirmar, proclamar, esclarecer e traduzir. De acordo com Palmer (1970:23), as raízes deste vocábulo residem no verbo grego *hermeneuein*, usualmente traduzido por "interpretar" e no substantivo *hermeneia*, "interpretação". As duas palavras encontram-se em muitos textos da Antigüidade e remetem a Hermes, associado a "tudo de humana tam-

bém não é confinada pela esfera intelectual: envolve emoção, estética, memória, fé e determinação. Como a fênix, então, a perspectiva humanística na Geografia deveria recusar-se a ser delimitada, nomeada ou apropriada por estruturas faustianas. Pode inspirar os praticantes da Geografia física, econômica, cultural ou social, e deveria deixar de investir muita energia na afirmação do seu direito de ser um ramo especial do campo do conhecimento. O humanismo deveria mais apropriadamente ser considerado fermento na massa, e não um pão específico do smorgasbord do esforço geográfico. O élan emancipado, recuperável inclusive a partir das tradições ocidentais, poderá capacitar a própria Geografia a se comportar como fermento para massa da ciência e das humanidades contemporâneas. O renascimento do humanismo clama por excelência nos campos específicos do conhecimento assim como se preocupa com o quadro como um todo (Buttimer, 1990:127).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTTIMER, A. Social space in interdisciplinary perspective. *Geographical Review*, 59 (4), 1969, pp.417-426.
- Society and milieu in the french geographical tradition. Chicago: AAG, 1971, p.226.
- Values in geography. Washington: Association of American Geographers (Commission on College Geography) Research Report, n.24, 1974.
- "Grasping the dynamism of lifeworld". *Annals of American Geographers*. n.66(2). 1976, pp.277-292.
- Erehwon or nowhere land. In: GALE, S. and OLSSON, G. *Philosophy in geography*. Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, 1979, pp. 9-37.
- The Practice of Geography. Harlow: Longman, 1983, pp. 298.
- "Aprendendo o dinamismo do mundo vivido". In: CRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985, pp. 165-193.
- "Hogar, campo de movimento y sentido del lugar". In: GARCÍA RAMON, M^a. D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985b, pp. 227-241.
- "Geography, humanism, and global concern". *Annals of the Association of American Geographers*. n.80 (1), 1990, pp.1-33.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971.
- ELIADE, M. *O Sagrado e o profano: a essência da religião*. Lisboa: Livros Brasil, 1991.
- ENTRIKIN, J. N. "Contemporary Humanism in Geography". *Annals of the Association of American Geographers*. n.66, 1976, pp.615-632.

PALMER, E. *Hermenêutica*. Edições 70. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SOARES, L. E. "Hermenêutica e ciências humanas". In: *Estudos históricos. Caminhos da historiografia*. São Paulo: Vértice, 1988, pp. 100-142.

TUAN, Y-F. "Humanistic geography". *Annals of the American Geographers*. n.66 (2), 1976.

TUAN, Y-F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y-F. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

WAGNER, H. R. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WRIGHT, J. K. "Terra incognita: the place of the imagination in geography". *Annals of the Association of American Geographers*. n.37, 1947, pp.1-15.

YAMANO, M. "A bibliography of cultural/humanistic geography". In: NOZAWA, H. (ed.). *Indigenous and foreign influences in the development of Japanese geographical thought*. Fukuoka: Kyushu University, 1989, pp. 12-34.

ABSTRACT

THE PAPER, BASED ON THE RESEARCH OF ANNE BUTTIMER, ONE OF THE MOST IMPORTANT HUMANISTIC GEOGRAPHER, AIMS TO SHOW THE VALUE AND THE MEANING OF THE INTIMATE AND COLLECTIVE GEOGRAPHY THROUGH THE LIVED EXPERIENCES BASED ON THE MEANING OF PHILOSOPHIES HAVING THE PHENOMENOLOGY AND THE HERMENEUTIC. IN THIS CONTEXT, THE PLACE APPEARS AS A KEY-CONCEPT IN THE HUMANISTIC PERSPECTIVE COMING FROM THE PHENOMENOLOGICAL NOTION OF THE EXPERIENCED IN LIFE, CHANGED BY PEOPLE, ROUTES, STRUGGLES AND DREAMS.

KEYWORDS: VALUES, PHENOMENOLOGY, PLACE AND HUMANISTIC GEOGRAPHY